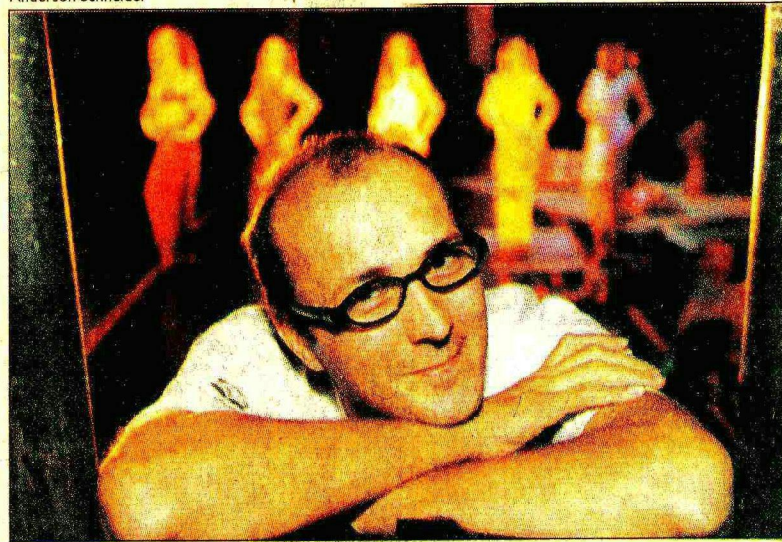


OPERÁRIOS DA CULTURA

Anderson Schneider



JÁ QUE O ESPETÁCULO NÃO PODE PARAR, PRODUTORES LOCAIS USAM CRIATIVIDADE E ATÉ PAGAM PARA TRABALHAR

Socorro Ramalho
Da equipe do **Correio**

COLAR CARTAZES, DISTRIBUIR MATERIAL DE DIVULGAÇÃO EM MESAS DE BARES E, ÀS VEZES, PAGAR PARA TRABALHAR. ESTAS NÃO SÃO TAREFAS PARA QUALQUER UM. FAZEM PARTE DO COTIDIANO DE ARTISTAS E PRODUTORES CULTURAIS DA CIDADE QUE, ENTRE O PALCO OU OS LIVROS, SE DESDOBRAM PELO PRAZER DE PROMOVER A ARTE.

Mas prazer não paga contas. "O orçamento para o espetáculo precisa ser coberto", observa o diretor Ricardo Guti, que integra o grupo Cooperativa de Atores e, no momento, tenta captar recursos para o espetáculo *O Homem dos Espelhos*.

A distância entre o sonho de levar a peça ao palco e a falta de dinheiro consome muito esforço físico dos envolvidos na produção teatral, mas não esmorece ânimos. "Já vendi um carro para montar espetáculo", revela Zé Regino, criador do grupo Ceileiro das Antas.

O iluminador e produtor de teatro, James Fensterseifer, 32 anos, também sabe que é preciso pagar um preço para não deixar as idéias morrerem e a platéia vazia. "Faço arte-final, rodo, colo e distribuo cartazes das peças que produzo. Continuamos sobrevivendo na base do amor", revela.

Este sentimento também move o produtor cultural Victor Alegria, responsável pela realização da Feira do Livro de Brasília, atualmente na 17ª edição. "Estou devendo ao Banco do Brasil por causa da Feira, mas vale a pena. As pessoas que trabalham comigo ganham mal, mas são iluminadas", aposta.

Do outro lado do "fazer" cultural está o paulista José Perdiz, 66 anos, dono da Oficina do Perdiz (leia *Personagem da Notícia*, na página 3). "O teatro pode não ter nada a ver comigo, mas eu adoro teatro", admite o mecânico-montador que, desde 1989, permite que sua oficina se transforme em palco para os artistas de Brasília.

À sua maneira, cada artista ou produtor que se compromete com a cultura paga seu preço, especialmente nos bastidores, segundo avaliação de alguns envolvidos. É do outro lado do palco que correm atrás de patrocínio, fazem as vezes de figurinista, cenógrafo e de *faz-tudo*. "Na hora de fazer, a gente põe a mão na massa", admite o diretor Ricardo Guti que, apesar das intempéries do ofício, não cogita a hipótese de largar tudo. "Esta opção não existe. Quando comecei sabia que ia ser assim."

O grupo Cooperativa de Atores nasceu há cinco anos, com 20 integrantes. Hoje são quatro atores que, por muito tempo, dividiram só prejuízos — pagavam o espaço on-

Nehil Hamilton



José Perdiz, 66 anos, e James Fensterseifer, 32 (foto menor ao alto), se viram como podem para que as produções culturais do DF não saiam de cena

de há algum tempo se reuniam e ensaiavam. A situação atual não mudou muito.

"Uns dão aulas de teatro, outros, de inglês. Nos unimos para pagar o aluguel do espaço, mas quando não conseguimos dinheiro para pagar as

contas, tiramos do bolso", conta.

A idéia de criar o grupo surgiu com Guti. "Trabalhar com elenco é mais difícil, mas hoje, todos compram a idéia. O máximo de esforço que podemos dedicar ao grupo, dedicamos. Perdemos os sábados e domingos

trabalhando para o teatro, mas estamos cientes de que a Cooperativa é uma escolha de vida", analisa o diretor de 29 anos e 15 de teatro.

Sem ilusões quanto a fazer cultura no Distrito Federal, James Fensterseifer sabe que, sem os prêmios Aluí-

sio Batata — promovido pela Fundação Cultural do DF — e o Projeto Nacional de Cultura (parceria do Ministério da Cultura e Caixa Econômica), tudo fica ainda mais difícil.

■ Leia mais na página 3